

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

EVOCÇÃO DE O. DA VEIGA FERREIRA

Carlos Fabião*

O presente texto constitui a evocção da memória de um Homem extraordinário que tive o gosto e proveito de conhecer e com quem tive o privilégio de trabalhar, durante quatro anos e privar uns quantos mais. Foi meu Mestre e Amigo, também Professor (1979-1981) e Colega (1983-1987). Por tudo isso, confesso que sinto manifesta dificuldade em avaliar e tratar de um forma isenta, fria e objectiva a sua carreira e obra. Estaria a enganar os leitores se pretendesse fazer passar esta evocção, sentida e emotiva, do Mestre e Amigo, por mais um estudo de história da Arqueologia portuguesa, como outros que tenho publicado, onde sempre me foi mais fácil analisar e dissecar a obra de desconhecidos com o suficiente distanciamento e alguma (pretendida) objectividade.

O. da Veiga Ferreira (com o Octávio sempre abreviado, porque não gostava do nome, menos ainda gostava de Reinaldo, o seu segundo nome) possuía algumas das virtudes (e defeitos) muito comuns entre os portugueses e que, na minha opinião, constituem um verdadeiro traço identitário. Tinha uma enorme generosidade e, como se costuma dizer, “o coração ao pé da boca”, não se coibia de dizer o que pensava, o que lhe granjeou ao longo da vida algumas inimizades e, creio, muitas mais amizades. Como também se diz, era “amigo do seu amigo” o que, temperado com as aludidas generosidade e frontalidade e com uma imensa candura, que sempre teve, o fazia tolerar o menos tolerável, se tal vinha dos seus amigos – sendo, em contrapartida pouco tolerante para com aqueles de quem não gostava –, envolver-se em querelas e conflitos, que lhe não diziam directamente respeito, e assumir atitudes excessivas e manifestamente erradas, só compreensíveis por estes traços do seu carácter. Seguramente, uma das mais notórias foi a sua veemente recusa em aceitar a arte rupestre do vale do Tejo, que reputava de falsificação, por razões que pouco teriam que ver com a arte rupestre propriamente dita.

De um modo geral, teve um mau relacionamento com a geração mais jovem, que despontou nas universidades na década de 60 (e inícios da seguinte) do século XX, e uma relação muito melhor com uma outra geração mais tardia, a que iniciou a sua formação na segunda metade da década de 70 do mesmo século. Certamente por isso, João Luís Cardoso e o próprio autor destas linhas têm de Veiga Ferreira uma perspectiva certamente bem diferente da de outros arqueólogos portugueses, um pouco mais velhos. É claro que não é fácil ajuizar o que poderá justificar este diferendo, mas podemos tentar contextualizá-lo, para melhor o entender. Provavelmente, os colegas mais velhos terão sentido a natural necessidade de rejeitar aqueles que eram a geração de referência, no conhecido acto simbólico de “matar o pai”; tão frequente, na generalidade, e particularmente agudo na segunda metade da década de 60 do século XX, quando as novas gerações assumiram como bandeira a ruptura com as situações instaladas, quer no domínio social, quer no das Ciências, recorde-se que foi a época onde se crismaram todas as “novas perspectivas”. Mas não só do lado mais assertivo e contestatário das novas gerações residirá a explicação

* Professor Associado da área de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigador do Centro de Arqueologia / UNIARQ

do confronto. Por outras razões, que se prenderiam com a história da Arqueologia portuguesa da segunda metade do século XX e dos contextos em que se produzia a investigação, Veiga Ferreira terá reagido mal à ascensão e à assumpção de protagonismo dessa nova geração, numa época em que os sistemas científicos e de ensino conheceram intensa conflituosidade em todo o mundo ocidental. Provavelmente, terá reagido ao que pareciam ser os novos ventos de mudança, por certo com alguma dose de sobrançeria e de condescendente paternalismo (os mais terríveis combustíveis na fogueira do conflito de gerações) e o seu carácter terá feito o resto... Finalmente, a profunda convulsão que abalou a sociedade portuguesa depois de Abril de 1974 terá excitado ainda mais os ânimos e extremado posições. Em última análise, este diferendo poderá ser visto como somente um episódio mais da clássica querela entre “modernos” e “antigos”.

Quando conheci Veiga Ferreira ele já não era um símbolo dos poderes institucionais, embora fosse uma incontornável referência científica e um activo investigador e docente universitário. Provavelmente, ele próprio já estaria então mais interessado (e disponível) para transmitir o imenso legado da sua experiência e saber a uma geração que já não via como potencial concorrente e talvez essa outra geração (a minha) estivesse predisposta a ouvi-lo serenamente e a beneficiar do seu imenso saber, sem sentir necessidade de afirmação.

A conjugação destes factores explicará talvez os conflitos que teve com alguns e a serena convivência que com outros manteve. Explicará também que possam subsistir perspectivas tão distintas do mesmo Homem e, naturalmente, não têm estas considerações a intenção de constituírem a análise do complexo processo que tão profundamente marcou a viragem das universidades portuguesas (em geral) e do panorama da arqueologia nacional, em particular. Bem entendido, não existe também nenhuma intenção de realizar processos de intenções.

Para melhor sistematizar esta evocação, seleccionei um conjunto de atributos, que creio constituírem verdadeiras “imagens de marca” de Veiga Ferreira e do seu legado científico, aquele que perdura para lá da existência física do Homem.

1. UM INVESTIGADOR MULTIFACETADO E ECLÉTICO

Veiga Ferreira foi um investigador que pertenceu a uma estirpe fora do seu tempo ou, melhor dizendo, foi provavelmente um dos últimos representantes de um outro tempo, a vários títulos. Em primeiro lugar, porque viveu numa época em que se afirmavam e consolidavam as especialidades científicas, embora recusando essa mesma especialização, preferindo manter sempre uma postura eclética, onde se cruzava a velha tradição “naturalista” oitocentista, de matriz iluminista e profundamente positivista, nos métodos, com interesse e gosto pela geologia, pela paleontologia e pela arqueologia pré-histórica (tentando, no fundo, reanimar e dar continuidade a uma velha escola da Comissão Geológica do Reino, de Carlos Ribeiro e Nery Delgado que, na realidade, se extinguiu com essa primeira geração de investigadores do último quartel do século XIX), com a postura do arqueólogo / etnógrafo, de certo modo, na tradição de José Leite de Vasconcellos, colhida sobretudo de Abel Viana, com quem se iniciou nas lides arqueológicas. De qualquer modo, embora estas duas tendências sejam claramente perceptíveis na sua obra, creio que será evidente um predomínio da primeira sobre a segunda. Em termos de formação, as suas referências eram francófonas, em todos os domínios, desde as relações pessoais, às leituras, à formação. Essa matriz francesa explicará também a conjugação das ciências da terra com a actividade arqueológica, bem distinta da que vigorava já no mundo anglo-saxónico, onde a arqueologia se alinhava claramente do lado das Ciências Sociais, que, progressivamente, acabará por se tornar a grande referência científica da segunda metade do século XX. Também neste domínio, Veiga Ferreira marca o fim de uma era, ainda que a geração seguinte, de Jorge Alarcão, Victor Gonçalves ou Vítor Oliveira Jorge comece por ser também nitidamente francófona, antes de derivar para os terrenos da investigação de matriz anglo-saxónica.

A sua vastíssima obra publicada reflecte os mencionados gostos e tradições – veja-se a impressionante lista publicada no volume *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Lisboa, Ed. Delta, 1987, p. 19-41, depois completada com mais detalhe na “In Memoriam” que João Luís Cardoso publicou, em 1997, nas “comunicações do Instituto Geológico e Mineiro”. A diversidade e ecletismo constitui, simultaneamente, uma das maiores referências de Veiga Ferreira, autor incontornável em vários campos disciplinares (geologia, paleontologia, arqueologia), e uma das suas maiores supostas “fraquezas”, já que, frequentemente, acabava por ser depreciado, justamente pelo universo dos “especialistas” emergentes, que tendiam a olhar com desconfiança os autores ecléticos, que se desdobravam por diferentes áreas do saber.

Enquanto investigador, procurava manter-se actualizado, nos desenvolvimentos e principais tendências das distintas áreas do saber que o interessavam e, informalmente, não regateava elogios ao que considerava serem novos contributos positivos ao desenvolvimento da Arqueologia. A título de exemplo, posso referir os moldes francamente entusiásticos com que apreciava os trabalhos de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva ou, mais recentemente, os de João Zilhão sobre o Solutrense, um tema de que se ocupara anteriormente. Mas não se circunscrevia à produção científica portuguesa o seu interesse e actualização. Apesar da sua formação matricialmente francófona, não deixava de conhecer e acompanhar os desenvolvimentos da arqueologia britânica, designadamente, as obras de Colin Renfrew, que tive o ensejo de debater várias vezes com o querido Mestre, naquele juvenil entusiasmo e esforço de afirmação de quem erradamente julgava deter um conhecimento que ele não dominava.

O que sempre moveu Veiga Ferreira foi uma imensa curiosidade, absolutamente omnívora, pelos mais diversos aspectos do mundo em que vivia, daí os seus interesses multifacetados, alguns mesmo muito pouco convencionais, que combinava com uma intensa e competente actividade profissional, sobretudo no domínio da geologia, uma vez que assumia a sua actividade arqueológica como algo de marginal.

2. UM INVESTIGADOR DE CAMPO

Veiga Ferreira tinha um enorme fascínio pelo campo e era aí, no campo, que se sentia plenamente realizado. Entrar no jeep e partir em viagem ou sair do jeep e pousar os pés na terra eram actos que praticava com um entusiasmo e uma alegria próprias de quem nutre verdadeira paixão por aquilo que faz. A disponibilidade e vivacidade com que conduzia, ano após ano, visitas de estudo aos mesmos locais de sempre, com a alegria própria de quem o faz pela primeira vez, são prova dessa devoção e também um notório atributo pedagógico, que adiante comentarei mais detidamente.

As suas actividades profissionais de levantamento e cartografia geológica e de inspecção de pedreiras e cavidades cársticas, levavam-no a registar e assinalar muitos sítios arqueológicos que, por vezes, estudava, nas suas horas livres (ou discretamente roubadas ao normal horário de serviço) e a suas expensas, daí a clara assumpção de que a arqueologia constituía para si uma actividade lateral.

Provavelmente, um dos aspectos da personalidade de Veiga Ferreira que mais dificilmente se conseguirá transmitir aos jovens arqueólogos profissionais de hoje é justamente essa dimensão de investigador, de estudioso, dos tempos livres. Em conversa, afirmava recorrentemente que era apenas um “arqueólogo amador”, ainda que se tratasse de uma óbvia afirmação de contornos essencialmente retóricos, mas era-o, de facto, na medida em que tinha verdadeira paixão pela actividade arqueológica – uma das suas habituais *boutades* era a afirmação de que “a arqueologia era a sua amante, à qual sacrificava muito do tempo que, se a não tivesse, passaria com a família, e na qual gastava apreciáveis somas”. Naturalmente, esta dimensão de “amador” era sublinhada pelo facto de se ocupar profissionalmente em outras actividades, as que mais directamente se ligavam com a sua profissão de geólogo, e não deixava também de constituir um certo estigma, que se foi acentuando à medida que foi crescendo um esboço

de profissionalização da actividade arqueológica. Esta verdadeira paixão, em que amador se confunde com a coisa amada, feita de entrega, de esforço e de sacrifício, justificará a já aludida reacção que teve ao crescimento do meio arqueológico, vendo nessa nova geração uma horda de intrusos que brutalmente penetrava num espaço que se habituara a considerar como seu e de mais alguns (poucos). Aqui residirá também uma das possíveis explicações dos já citados conflitos, onde, obviamente, o meu Querido Mestre não tinha razão.

Como homem do campo, de diversificada formação, ensinou-me a sua peculiar e, uma vez mais, eclética forma de olhar as paisagens. Era absolutamente fascinante andar no campo com Veiga Ferreira e ouvir as suas explicações sobre os fenómenos geológicos e geomorfológicos que desenhavam e modulavam as paisagens, sem nunca faltar a referência aos sítios arqueológicos e às formas de os identificar, enquanto “anomalias”, de origem antrópica, nessas mesmas paisagens, sem esquecer algumas pinceladas etnográficas, baseadas naquilo que se pode considerar uma observação directa, vivida. Neste domínio, o seu saber enciclopédico conferia-lhe uma capacidade invulgar de ler o território e era um Mestre, como nunca mais conheci outro, nos modos de a transcrever para aqueles que o ouviam. Nessas explicações e observações, era convocada toda a sua vasta experiência e uma variada gama de anedotas, resultantes das suas múltiplas expedições científicas, na elaboração da cartografia geológica ou nas marcantes experiências adquiridas em missões de estudo, designadamente a realizada ao vulcão dos Capelinhos (sobre a qual chegou a escrever um livro que, creio, nunca se chegou a publicar), obviamente, sem faltarem as múltiplas histórias das suas diversas actividades de geólogo e arqueólogo que gostava de contar porque, para além do mais, era um fantástico conversador.

3. UM AUTOR PROLIXO

Deixando de parte os outros domínios científicos sobre os quais não quero pronunciar-me, a obra arqueológica de Veiga Ferreira é verdadeiramente esmagadora. Publicou centenas de títulos, resultante dos seus múltiplos trabalhos de campo ou de reavaliação de informação já conhecida, mas não devidamente valorizada. Quem olha para a sua obra facilmente reconhece dois aspectos dominantes: os estudos dedicados a jazidas paleolíticas de ar livre e os consagrados a monumentos megalíticos, embora não faltem também numerosos estudos dedicados a antigas ocupações em grutas. Estes campos dominantes resultam das já aludidas circunstâncias em que desenvolvia a sua investigação arqueológica. Em primeiro lugar, no âmbito dos seus trabalhos de cartografia geológica, que davam azo à identificação das jazidas de ar livre e possibilitavam a recolha de artefactos que as caracterizavam, encontrava o espaço para os seus estudos o paleolítico; ainda nas suas funções de profissional dos Serviços Geológicos de Portugal, realizava frequentes acções de inspecção a pedreiras, grutas e algares, de onde resultava a identificação e conhecimento directo de vestígios de ocupações humanas, que posteriormente estudava, se tinha oportunidade de o fazer. Finalmente, os monumentos megalíticos, normalmente identificados, uma vez mais, no decurso das suas prospeções geológicas, escavados, a expensas próprias e nas horas livres e fins-de-semana. Tratava-se, no fundo, daquele tipo de realidades que podia estudar na íntegra, com as condicionantes de tempo, meios e fundos que sempre rodeavam os seus trabalhos. Estas circunstâncias explicarão também algumas situações / opções, depois, muito discutíveis e discutidas, onde a acusação de precipitação se torna frequente. Uma vez mais sem pretender fazer juízos de intenções, diria que é fácil, hoje, encontrar os defeitos e lacunas dos trabalhos dos que nos precederam, mais construtivo será, parece-me, valorizar as suas qualidades.

Apesar dos constrangimentos que a sua acção conhecia, era rigoroso e metucioso nos seus trabalhos de campo, como tive ensejo de verificar, naqueles (poucos) em que pude colaborar. Naturalmente, algumas das suas opções, no domínio dos métodos, devem ser colocadas no devido contexto. Veiga Ferreira não foi um inovador nas estratégias de abordagem aos sítios arqueológicos, mas conhecia as distintas opções metodológicas em voga

no seu tempo e elegia a que lhe parecia mais adequada a cada situação concreta. Independentemente destas considerações, a simples consulta da sua obra publicada permite identificar uma clara evolução nas estratégias e métodos de trabalho que revelam um autor atento à evolução da disciplina e com evidente propensão para se adaptar a novas abordagens, sempre que estas lhe pareciam ser mais correctas ou adequadas. Somente a título de exemplo, atente-se no rigor dos seus registos de campo nas intervenções em Muge ou no registo estratigráfico das termas de Idanha-a-Velha, ensaiado numa época em que não era frequente apresentar sequências estratigráficas em sítios de época romana.

Embora fosse um homem de campo, não descurou nunca a vertente da publicação dos resultados dos seus estudos. Não publicar os seus trabalhos era algo que lhe parecia absurdo e procurava fazê-lo com celeridade. Detém um invejável currículo de publicação de sítios e, pode dizer-se, praticamente não deixou inéditos os locais onde trabalhou. Uma das frequentes (e muitas vezes justas) críticas que se fazem a muitos dos seus textos é a de serem (também eles) demasiado “apressados”, de carecerem de mais sofisticada elaboração, preparação e reflexão. Os artigos científicos de Veiga Ferreira têm uma dimensão eminentemente positivista, de apresentação e exposição da informação, complementada pelo elenco, muitas vezes bastante exaustivo, dos paralelos pertinentes. Esta opção constituía um dos traços da sua actividade científica e um produto da sua formação. Considerava mais importante a célere divulgação dos dados, sem grande receio de se equivoocar ou mesmo de claramente errar. Neste domínio, era a sua formação, mais ligada às ciências da terra do que ao âmbito das ciências sociais, que, em boa parte, ditava essa conduta. Tinha plena consciência do carácter efémero do conhecimento científico e da sua constante reelaboração, muitas vezes me disse: “podemos dar-nos por satisfeitos se algum texto nosso “resiste” cinco ou dez anos, porque a norma é publicar coisas, que logo se considerarão ultrapassadas, obsoletas, o que fica é somente a informação concreta, devidamente exposta, e nada mais”. Como se vê, uma profissão de fé positivista, mas objectivamente correcta. Não tendo sido propriamente um inovador, Veiga Ferreira constitui uma referência verdadeiramente incontornável, pelo enorme volume de informação publicada onde, sublinhe-se, não faltam alguns contributos significativos, como a identificação de artefactos do paleolítico superior, dos primeiros restos de *Homo sapiens neanderthalensis*, das primeiras datações de radiocarbono ou de registos estratigráficos em sítios de época romana. Recorde-se, também, que algumas obras de referência da história da arqueologia portuguesa, como o estudo consagrado à necrópole de Valdoca, Aljustrel, por Adília e Jorge Alarcão, beneficiou do rigor e qualidade da escavação previamente realizada por Veiga Ferreira.

Constituiu, sem dúvida, um personagem singular, num universo científico onde, frequentemente, os investigadores de campo não publicam, por considerarem fastidiosas a paciente tarefa de ordenação dos registos e estudo dos materiais; e, tantas vezes também quem muito publica pouco aprecia (e pratica) o trabalho de campo. Veiga Ferreira reunia, diria, em doses iguais o entusiasmo pelo terreno e o fascínio pela análise de registos e artefactos. Se ainda hoje trabalhasse, estou certo de que não teria relatórios em atraso nem trabalhos por publicar. Neste particular, foi, é, será um exemplo para todos nós.

4. UM INVESTIGADOR DE EQUIPAS

Enquanto homem formado no universo das Ciências da Terra, Veiga Ferreira teve sempre uma evidente abertura e propensão ao trabalho no seio de colectivos (equipas), nesse particular, distinguindo-se claramente do tradicional trabalho solitário do investigador das ciências sociais do seu tempo. É justamente este hábito de trabalho de equipa que explica e justifica a extensa lista de publicações que assinou.

Veiga Ferreira começou a trabalhar com investigadores mais experientes, como Georges Zbyszewski (o seu “Mestre Zby”), no âmbito dos Serviços Geológicos Portugal, ou com Abel Viana (o seu “Ti’ Abel”), numa quadro

mais informal, que designaria como o de verdadeira progressão na arte, ao jeito dos velhos ofícios mecânicos. Com o tempo, resulta absolutamente evidente que se tornou elemento fundamental das equipas em que se integrava. Tive o privilégio de o ver em acção, numa fase em que, naturalmente, Veiga Ferreira era já o natural líder. Sublinhe-se, porém, que mais do que “chefiar”, no campo, Veiga Ferreira desenvolvia uma relação fraternal com os restantes membros da equipa, incluindo, trabalhadores indiferenciados, sem necessitar de se impor. As escavações de Veiga Ferreira eram espaços de cooperação e partilha onde o seu trato sempre cordato, proverbial bonomia e constante bom humor faziam dele um excelente companheiro.

Numa época em que tanto se fala de internacionalização da ciência, importa salientar que Veiga Ferreira trabalhou com praticamente todos os investigadores estrangeiros que se debruçaram sobre realidades do sul de Portugal. Vera Leisner, Jean Roche, Jean Guilaine, Hermanfried Schubart ou Konrad Spindler são alguns dos muitos autores com quem colaborou em trabalhos de campo e com quem publicou trabalhos em conjunto. Todos guardavam de Veiga Ferreira uma excelente impressão e, nessas cumplicidades geradas na dureza das campanhas de escavação ou nas longas horas de debate e estudo sedimentaram amizades duradouras que sempre soube cultivar.

Pelo trabalho de equipa, pelo bom relacionamento com colegas e companheiros de trabalho, pela capacidade de criar e desenvolver formas de cooperação internacional em franca paridade, sem subserviências de “indígena atento, reverente e obrigado” nem arrogâncias nacionalistas bacocas – os dois registos tradicionais no “país em diminutivo” onde desenvolveu a sua actividade –, Veiga Ferreira constitui também um belo exemplo de bom convívio em verdadeira comunidade científica que não distingue géneros ou nacionalidades.

5. UM BELÍSSIMO PROFESSOR E UM ACTIVO DIVULGADOR

O meu primeiro contacto com o Professor Veiga Ferreira foi como aluno, no Centro Piloto de Arqueologia e, sobretudo, no ano lectivo de 1977-78, na primeira licenciatura em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Era o docente da disciplina de Pré-História e estava então, como só mais tarde o soube, a leccionar pela primeira vez numa Universidade. O grupo era pequeno e a maior parte das aulas decorria, duas vezes por semana, no final da manhã, no auditório do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, na rua da Academia das Ciências e no edifício da dita, com frequentes surtidas até ao espaço do museu propriamente dito, onde, de molho de chaves em punho, o docente abria vitrines e armários para nos proporcionar um contacto mais directo com os artefactos arqueológicos, que pacientemente explicava. Complementava as suas aulas com visitas de estudo onde nos ensinava, no terreno, a identificar e compreender sítios arqueológicos, no seu enquadramento. Foi também aí que comecei a conhecer o Veiga Ferreira do campo.

Um inesquecível episódio marcou uma das primeiras aulas desse ano. Um de nós, o José Maria Salgado, perguntou ao professor o que era o “Homem 1470” – o célebre fóssil KNM-ER-1470 de Koobi Fora, Lago Turkana, Quênia, que acabava então de ser divulgado. Veiga Ferreira, com a sua habitual frontalidade e manifesta humildade, respondeu que não sabia do que se tratava, mas que iria procurar informação e, depois, no-la daria. Na aula seguinte, chegou com um exemplar da *National Geographic Magazine*, onde Richard Leakey publicara uma primeira notícia sobre o fóssil, fotocopiou e distribuiu o texto pela turma e dedicou parte da aula a explicar a importância do novo indivíduo para o estudo do processo de hominização. Foi absolutamente notável o modo como o Mestre assumiu a sua ignorância perante os seus jovens alunos e não menos notável a celeridade com que se documentou, para poder transmitir, devidamente enquadrada, a nova informação. Creio se entenderá o grande impacto que uma situação destas teve sobre o jovem que eu era. Aprendi, nesse dia, que o bom professor não era aquele que tudo sabia, mas o que estava atento e disponível para enquadrar e explicar a nova informação e, sobretudo, que tinha a humildade de reconhecer o seu desconhecimento, ao mesmo tempo que revelava evidente capacidade para se documentar e traduzir os novos dados aos seus alunos.

Nas aulas do primeiro ano, comecei, por vezes, a ficar depois da hora da saída, para colocar questões que, naturalmente, não eram verdadeiras perguntas, mas antes pueris tentativas de demonstração de um domínio da informação que servissem de pretexto para prolongar a lição. Aí, acompanhava Veiga Ferreira ao seu minúsculo e atafalhado espaço num vão de janela do velho edifício, onde, pela primeira vez, espreitei pela sua velha lupa binocular, com estrutura de latão, para observar detalhes de retoques, talhe de pressão, golpes de buril e “mergulhei” nas pastas cerâmicas, identificando componentes pétreos, que o geólogo Veiga Ferreira me ensinava a identificar. Foi para mim o nascer de um novo mundo, posteriormente substancialmente enriquecido pela participação nas escavações do monumento da Tituaria, em Mafra. Nos anos seguintes, pela frequência de disciplinas optativas de Arqueologia Pré-Histórica e de Arqueologia do Quaternário, foi-se consolidando e estreitando um relacionamento que se alimentava da minha vontade de aprender e do genuíno gosto de ensinar (e infinita paciência e tolerância) de Veiga Ferreira. Assim nasceu a nossa Amizade e outras. Por essa altura também, travei conhecimento e iniciei o convívio com um estudante de Geologia, que era também frequentador assíduo do museu, repartindo-se por entre o espaço de Veiga Ferreira e o ocupado por Georges Zbyszewski, o João Luís Cardoso, pelo que se pode dizer que, de algum modo, Veiga Ferreira nos apresentou e aproximou.

No domínio da disciplina de Arqueologia Pré-Histórica, Veiga Ferreira concebeu o desenvolvimento de uma experiência prática com os seus alunos. A ideia era simples: fazer um corte em Monsanto, para nos ensinar a identificar estratos e materiais arqueológicos, em contexto de escavação, a desenhar cortes... Em suma, uma componente de trabalho de campo, como natural prolongamento do ensino da Arqueologia. As “práticas” deveriam decorrer nas férias da Páscoa. Infelizmente, esse ano foi particularmente chuvoso no período das férias, o que tornou impraticável qualquer acção nos pesados terrenos basálticos. Fica, porém, o registo de que, na sua prática pedagógica, parecia inconcebível a Veiga Ferreira um ensino que não passasse pela componente de prática de campo, concebida e desenhada como mera acção de treino. Uma vez mais, nestes anos em que se renovam os *curricula* das licenciaturas em Arqueologia, enfatizando a necessidade de incorporar unidades lectivas de trabalho de campo, registe-se a perspectiva arrojada e correcta do Mestre, nos finais dos anos setenta do século XX.

Mais tarde, já na década de 80, tive o privilégio e imenso prazer de acompanhar e colaborar nas aulas de Veiga Ferreira. Contudo, os tempos eram já bem diferentes. O número de alunos de primeiro ano crescera desmesuradamente, nada que se pudesse comparar aos trinta que compunham a primeira licenciatura da FCSH da UNL, as aulas já só raramente decorriam no museu, embora continuasse a realizar as suas habituais saídas de campo. Foi então que, com outra atitude, outra bagagem e outra proximidade, pude amplamente beneficiar das suas explicações e enquadramentos, quer no museu quer no terreno. Ao longo desses anos, pelas diferentes condições então existentes, o magistério de Veiga Ferreira foi assumindo contornos cada vez mais esquemáticos e simplificados. Por várias vezes lho disse, ao que ele retorquia alegando que se não tratava de um ensino especializado que não estava a formar arqueólogos nem pré-historiadores, mas tão-somente a fornecer aos estudantes de História algumas noções sobre Pré-História. Nas disciplinas optativas, onde mais facilmente se poderia ministrar um outro tipo de ensino, uma vez mais, o desmesurado número de alunos inscritos (diria que mais atraídos pela prodigalidade com que o Mestre distribuía as classificações, do que por um real interesse nos conteúdos transmitidos) também não ajudava. Tenho a noção de que foi muito mais proveitoso o magistério dos primeiros anos do que o dos finais da sua carreira docente. Foi sempre um professor profundamente estimado pelos seus alunos, como em múltiplas situações houve ensejo de comprovar e, sublinhe-se, não se tratava de um simples apreço pela já referida prodigalidade na distribuição de classificações, mas de genuína simpatia. O anfiteatro onde proferiu a sua última lição estava cheio como um ovo.

Hoje, tenho a nítida consciência de que Veiga Ferreira teria sido um professor ideal para leccionar em cursos de pós-graduação. Trabalhando com pequenos grupos e orientando estudantes verdadeiramente interessados, com a sua vastíssima informação e com o ecletismo da sua formação, teria sido imenso o contributo que poderia

ter dado à investigação arqueológica nacional. Infelizmente, esse desenvolvimento do ensino superior português surgiu demasiado tarde para Veiga Ferreira.

Uma última palavra para as suas acções de divulgador. Veiga Ferreira privilegiou sempre a divulgação da Arqueologia e da Pré-História, que militantemente praticou durante anos, nos cursos livres do Centro Piloto de Arqueologia e em muitos outros contextos e ocasiões. Na década de 80, dilatou ainda mais o âmbito dessa acção, através da televisão, de textos em revistas generalistas e da publicação de um volume de síntese, *Portugal Pré-Histórico – Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem-Martins: Europa América, s/d [1980], em colaboração com Manuel Leitão, um dos seus grandes companheiros de trabalho das últimas décadas de actividade. Em todos estes domínios será de realçar o enorme volume de informação tratada e a grande honestidade com que o fez, ainda que nem sempre o produto final se possa considerar plenamente conseguido. Seja como for, uma avaliação destas produções, que se não pretende fazer nestas páginas, deverá ser devidamente contextualizada, para que melhor se compreendam os méritos e carências.

Lamento não conseguir dar conta nestas páginas do muito que devo a Veiga Ferreira, do imenso privilégio que foi tê-lo conhecido, beneficiado do seu permanente magistério, e da honra da sua Amizade. Lamento também não conseguir, pelo menos de momento, realizar a devida análise crítica que a sua obra merece. Mas não gostaria de terminar sem reafirmar, uma vez mais, que o considero um extraordinário investigador, professor e, acima de tudo, um Homem de excepção, uma dessas pessoas que nos deixa a difusa sensação de que nos tornámos pessoas melhores, simplesmente por termos tido o privilégio de o ter conhecido e com ele ter privado. Por isso lhe chamava, chamo e sempre chamarei Mestre.